



A vida ensina antes da escola: o currículo invisível das supercrianças

setembro 30, 2026, Análise / Formação em conflito armado

🕒 11 mins read



Sara Aleisseh

Escritora e investigadora na área da educação



Em geral, a educação das pessoas refugiadas está planejada em termos de acesso, infraestrutura e políticas públicas. Porém, para crianças que crescem dentro de campos de refugiados ou deslocados, o aprendizado real começa antes mesmo da chegada à sala de aula. A formação acontece no dia a dia no campo, por meio de funções de cuidado, estratégias improvisadas de sobrevivência e pequenas responsabilidades que aceleram a maturidade emocional e as habilidades práticas. A imaginação, a resiliência e as contribuições diárias para a comunidade formam um “currículo invisível” que molda a identidade, a autonomia e o pertencimento social, qualidades que o ensino formal pode não reconhecer em muitos contextos de crise.

Nesta publicação — parte de nossa série “Assistência em um contexto humanitário em transformação” —, a especialista em educação Sara Aleisseh recorre a sua vivência pessoal e anos de experiência profissional com educação humanitária para demonstrar que o “currículo invisível” das crianças em situação de conflito armado não constitui um atraso escolar a ser corrigido, mas sim uma modalidade de conhecimento a ser legitimada. Ela argumenta em defesa de sistemas educacionais que escutem as realidades de cada criança, adaptem o material didático a esses cenários, protejam a dignidade e desenvolvam modelos de aprendizagem fundamentados na cura, na identidade e no pertencimento.

A vida não é feita para nos agradar, mas sim para nos desafiar. Tais desafios impulsionam o surgimento de nossa força interna, nos levam a descobrir os caminhos a seguir e lapidam nossas personalidades.

Para crianças que crescem em situação de deslocamento, o aprendizado começa em becos estreitos com casas apinhadas, em salas de aula superlotadas que compartilham o mesmo ar de incerteza, e em lares administrados por pais que talvez nunca tenham ido à escola. Nesses lugares, o acesso às necessidades básicas não está garantido. Também não há parques e espaços públicos, nem mesmo uma biblioteca. Por isso, criamos nosso próprio mundo – imaginário e grande o suficiente para abrigar nossos sonhos.

E aqui não nos referimos à “criança normal” segundo padrões internacionais, avaliada a partir de uma lista de verificação global de desenvolvimento. Essa criança vive com estabilidade. Suas necessidades — físicas, emocionais e educacionais — são cobertas por um sistema previsível. A principal tarefa dela é apenas crescer.

Em contraste, a “supercriança” de um campo é uma criança que vivem como se fosse mais velha do que a idade que consta em sua certidão de nascimento. Ser “super” não é uma escolha, nem um indicativo de ser feliz diante das adversidades. Elas são super por terem sido forçadas a deixar a infância para trás com o objetivo de cuidar de si e, muitas vezes, de seu entorno também. Ignorar isso é pedir a essas crianças que abandonem as fortalezas que as mantêm vivas.

Os dois relógios do deslocamento

Uma criança deslocada carrega consigo dois relógios. O primeiro é o relógio biológico — aquele que marca o nascimento, as notas escolares e o gráfico de crescimento. O segundo é o relógio da vida — aquele que registra as responsabilidades, as perdas, os medos e as ações de sobrevivência.

Os sistemas de educação formal tendem a ver apenas o relógio biológico. Programas humanitários costumam tratar essas crianças como estudantes cujo processo de aprendizagem foi “interrompido” e que precisam ser levados de volta ao ponto de partida padrão. Contudo, esses meninos e meninas não estão atrasados. Apenas passaram por uma preparação diferente. Eles chegam à escola com resiliência, inteligência emocional e saberes de vida que nenhum currículo lhes poderia ensinar.

É de extrema importância compreender que o reconhecimento dessas habilidades escondidas não significa glorificar a pobreza ou o conflito armado. Não admiramos as dificuldades, mas sim o espírito humano que se recusa a ser esmagado por elas. As habilidades extraordinárias dessa criança são as ferramentas que elas forjaram para sobreviver a uma realidade que nenhuma criança deveria enfrentar.

O santuário de papelão

Cresci em um lugar onde nem sequer as necessidades infantis mais básicas eram atendidas. Criei minha própria Barbie juntando dois palitos de sorvete na forma de uma cruz, uma tampa de garrafa e restos de tecido. Costurei seus vestidos com minhas próprias mãos. Fiz uma casa de papelão para minha boneca, com tudo o que ela precisava — um reflexo do lar que eu carregava dentro de mim, a milhões de quilômetros de distância de minha realidade.

Transformávamos meias enroladas em bolas de futebol e latas vazias em carros. Olhando para o passado, percebi que a Barbie não era apenas um brinquedo. Ela era minha personagem, minha forma de imaginar a vida além dos muros que me rodeavam.

Não se tratava apenas de brincadeiras. A bondade era uma forma de viver em circunstâncias tão duras. Apoiávamos pessoas com necessidades específicas, amparávamos pessoas idosas solitárias e ajudávamos comerciantes com tarefas simples. As poucas moedas que ganhávamos nos davam a dignidade de escolher, permitindo que comprássemos um suco ou salgadinho — luxos que nossos pais não podiam pagar. Não éramos apenas uma comunidade: éramos uma grande família. Compartilhávamos não porque tínhamos muito, mas porque essa era a forma de sobrevivermos juntos.

Sem perceber, nós crianças estávamos aprendendo, praticando e incorporando profundas lições de vida. Esses ensinamentos não estavam em livros escolares. Tudo era vivenciado em nossas ações cotidianas de generosidade, empatia e resiliência. A infância converteu-se em um currículo oculto, repleto de uma sabedoria que não foi ensinada e sim obtida por meio da vivência, do compartilhamento e do cuidado.

Estas não eram apenas histórias de nossas infâncias; eram verdadeiras lições. Era o currículo invisível do deslocamento que moldava como entendíamos o mundo bem antes de qualquer sala de aula tentar nos ensinar.

O currículo da vida

O campo de refugiados não é apenas o lugar onde a vida acontece. É uma escola por si só. Vivências, práticas culturais, estratégias de sobrevivência e paisagens emocionais são elementos de uma realidade dinâmica e educativa que se transforma no currículo da vida. A educação formal não deveria afastar as crianças dessa realidade; ao contrário, deveria reconhecer e honrar cada contexto e aprender com essas experiências.

O campo me ensinou mais do que qualquer sala de aula um dia conseguiria. Ele me mostrou que sobreviver é uma forma prática de obter conhecimento e cada pessoa ali presente era um professor.

O ensino tradicional geralmente cria barreiras artificiais entre “aprendizado” e “vivência”, convertendo estudantes em recebedores passivos em vez de agentes ativos de criação. No entanto, nos campos, aprendizado e vivência são inseparáveis.

	My Invisible Curriculum
SUBJECT	LEARNING OBJECTIVES
IMAGINATION	
	a tool for survival and healing
CREATIVITY	
	a way to build worlds from nothing
KINDNESS	
	a way of living, a shared identity
RESILIENCE	
	the quiet power to endure, adapt, and rise
EMPATHY	
	living within a collective and sharing resources
PROBLEM SOLVING	
	facing challenges, analyzing them, and finding solutions without complaint or psychological collapse

Enquanto as escolas ofereciam suas lições, meu currículo invisível florescia para além das paredes: imaginação fruto da necessidade, criatividade que vinha do nada, bondade como forma de vida e resiliência em cada suspiro. E, ao analisar isso agora, percebo que estávamos promovendo a cura muito antes de qualquer pessoa

chamá-la de “abordagem sensível ao trauma”.

Proteção por meio do reconhecimento: romper com o ciclo do estigma

Ao não levarmos em consideração a forma como a vida ensina as crianças em um campo, nós as deixamos vulneráveis a uma sociedade que apenas enxergará suas carências. Se não reconhecermos o currículo da vida que elas já dominam, o rótulo de “pessoa acolhida no campo” se torna uma sombra que as perseguirá para sempre — uma visão reducionista por serem “menos”. Quando a resiliência dessas crianças e o peso que suportam são ignorados pelo sistema, elas começam a sentir que não existe lugar para seu verdadeiro eu no mundo “lá fora”. O silêncio encobre o brilhantismo dessas crianças e faz com que elas tenham que escolher entre a verdade e a sobrevivência.

Logo, para sobreviver e ser aceita na sociedade, me transformei em dois seres: a “persona” que eu mostrei ao mundo e a “sombra da menina do campo” que eu escondia. Quando fiz o ensino médio, e mais tarde a universidade, optei por esse caminho para não enfrentar o classicismo e a discriminação. Eu sabia como a sociedade me olharia e julgaria.

Essa fragmentação não era culpa minha, mas uma falha da sociedade que se recusa a ver o brilhantismo em meio à luta. A maioria das pessoas olham para o campo e enxergam apenas criaturas passivas à espera de caridade ou animais disputando pão de cada dia. Isso gera um efeito sobre as crianças, que, após crescerem e deixarem o campo, enterram a verdadeira identidade apenas para serem aceitas e terem uma chance na vida, sem ver a força, a inteligência e a liderança forjadas pelos becos estreitos.

A verdadeira proteção começa com o reconhecimento. Se adotamos o currículo da vida nas salas de aula e mostramos ao mundo como essas crianças são únicas, merecedoras e capazes, quebramos o ciclo da vergonha que um dia me sujeitou ao silêncio. Não se trata de um ato de caridade; é um ato de proteção para garantir que esses jovens tenham um futuro no qual sua identidade seja motivo de orgulho e não algo a esconder.

Conclusão

Obviamente, a educação formal em cenários de crise precisa de um [melhor financiamento](#) e atitudes discriminatórias contra crianças refugiadas devem ser estruturalmente combatidas (conforme declarado pelo Unicef e pelo Acnur no [Plano de Ação Conjunta](#), disponível em inglês). Ações voltadas para manter uma educação inclusiva e personalizada em contexto de refúgio — com base em padrões como os [Requisitos Mínimos da Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência \(INEE\)](#) — são extremamente necessárias, juntamente com outras iniciativas, para garantir que as populações refugiadas, deslocadas e migrantes possam ter acesso a um ensino reconhecido e justo, seja ele formal ou não, por meio do sistema nacional de educação.

E, acima de tudo, as mudanças devem começar com a valorização dessas supercrianças.

Crianças refugiadas não são copos vazios que precisam ser enchidos. Elas chegam à escola “cheias”, transbordando histórias, habilidades, fardos e um brilhantismo que uma prova padrão não consegue avaliar.

Meu apelo vai para além da sala de aula e do setor humanitário; é um apelo a toda a sociedade e aos sistemas globais que regem nossos futuros: devemos ler o “currículo da vida” que essas crianças carregam.

Assim, a educação deixará de ser uma gaiola de conformidade e se converterá em uma ponte, conectando vivência e oportunidade, sobrevivência e dignidade, infância e esperança.

Hoje, me faço a seguinte pergunta: se eu pudesse voltar no passado, o que eu daria a minha pequena versão? Mais do que uma carteira ou livro escolar, daria um espaço onde minha imaginação fosse vista como brilhantismo, onde meus gestos de cuidado fossem reconhecidos como liderança, e onde minha trajetória de sobrevivência fosse respeitada como a forma mais profunda de escolaridade. Eu me daria a única coisa que realmente mereço: o direito de ser inteira.

Ver também

- Geeta Mahapatra, [Restoring education after armed conflict: an IHL-guided framework](#), 26 de março de 2026
- Michel Anglade, Mark Chapple, Elizabeth Rushing, [Protecting education from attack during armed conflict](#), 13 de setembro de 2023
- Jerome Marston, [Protecting education from non-state armed group attacks](#), 12 de setembro de 2023
- Laura K. Taylor, Alexandra Jacobs, [Rebuilding peace in divided education systems](#), 23 de janeiro de 2020
- Filipa Schmitz Guinote, [Three reasons why education needs the support of humanitarian actors in conflict zones](#), 12 de dezembro de 2019

Tags: crianças em conflitos armados, DIH, direito internacional humanitário, proteção



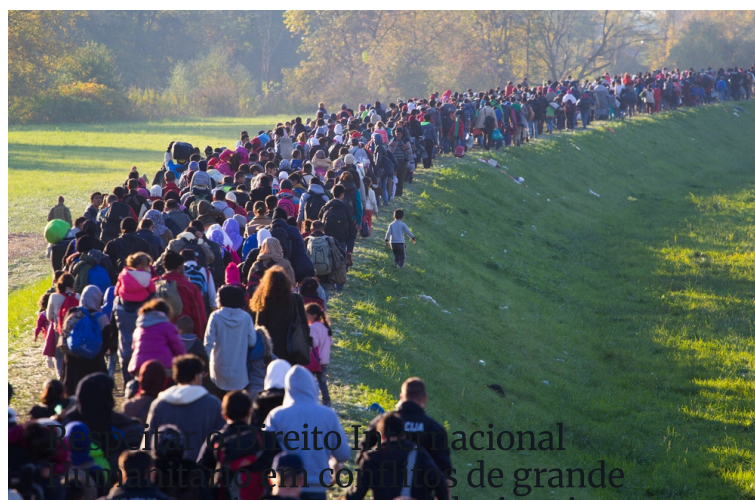


Ataques à missão médica: identificação de problemas e práticas recomendadas

14 mins read

Análise / Formação em conflito armado Claude Maon

Na última década, os ataques contra hospitais foram uma característica comum a quase todos os conflitos armados. O que profissionais humanitários do setor ...



Deixar o direito humanitário em conflitos de grande escala: movimentos populacionais, deslocamento em massa e preservação dos laços familiares

17 mins read

Análise / Formação em conflito armado Matt Pollard & Helen Obregón Gieseken

No final de 2024, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados estimou que 123,2 milhões de pessoas em todo o mundo haviam ...